



Travessias e diálogos sobre a sociobiodiversidade do Terreiro de Candomblé Xaxará de Prata, em Planaltina/DF

Crossings and dialogues on the sociobiodiversity of Terreiro de Candomblé Xaxará de Prata, in Planaltina/DF

OLIVEIRA, Wdson L. C.¹; LEITE, Raissa F. T.²; GAMA, C.S.; GAMA, S.F.; MELO, R.S.; MORAIS, R.M.

¹IFB, wdson.oliveira@estudante.ifb.edu.br; ²IFB, raissa.leite@estudante.ifb.edu.br

RESUMO EXPANDIDO TÉCNICO CIENTÍFICO

Eixo Temático: Biodiversidade e Conhecimentos das/os Agricultoras/es, Povos e Comunidades Tradicionais

Resumo: Este trabalho tem como objetivo promover uma discussão, por meio de uma travessia dialógica, sobre sociobiodiversidade, englobando a diversidade de espécies e de técnicas de manejo a partir do contexto dos povos tradicionais de matriz africana. Tendo feito levantamento de algumas espécies no Território Tradicional Xaxará de Prata, localizado em Planaltina/DF, assim como dialogado com a comunidade a fim de compreender o contexto e as práticas vinculadas a biodiversidade do território, foi possível agregar à discussão elementos que viabilizam a compreensão da contribuição dos povos africanos e diaspóricos à agroecologia enquanto uma ciência atravessada e construída pelos movimentos sociais, povos e comunidades tradicionais e originárias.

Palavras-chave: sociobiodiversidade, terreiros, agroecologia

Introdução

A Agroecologia vem construindo pontes potentes para uma discussão lúcida acerca da preservação e ampliação da biodiversidade em um sistema agrícola de produção (Altieri, 2004). É sob esta ótica, sobretudo conjecturando continuidade deste projeto de produção sustentável, que buscamos nesta travessia dialógica possibilidades de compreensões da natureza dos agroecossistemas em territórios tradicionais de matriz africana segundo seus próprios sistemas.

É seguindo neste caminho, que se abre com um “presente como interlocutor do passado e, conseqüentemente, como locutor do futuro” (Santos, p. 19, 2015), que este trabalho localizou seu problema nisto, a falta de plantas sagradas de extrema importância para a continuidade do culto e da tradição da comunidade Xaxará de Prata, como produto da colonização que vem mobilizando os povos tradicionais de matriz africana aos diálogos com a agroecologia como ciência, prática e movimento.

A necessidade de resgatar práticas, culturas agrícolas e saberes e simbologias vegetais que migraram do Atlântico (Gomes, 2009) para as terras que gestaram uma diáspora sangrenta, exige sensibilidade e esforços para uma revisão crítica da ciência. Neste sentido, com uma abordagem pós-colonialista, falamos por meio de uma ciência crítica à forma hegemônica de compreensão de mundo e aos valores



que cercam a pluralidade (Altieri, 2004) tentando transformá-la em monocultura de ideias e de sujeitos invisíveis.

Na tentativa de promover esse encontro entre “ciência e tradição” em um diálogo transversal, onde é possível verificar indicadores dos atravessamentos coloniais, buscou-se compreender inicialmente quais são as características da agrobiodiversidade e identificar as espécies vegetais de um território de matriz africana localizado em Planaltina, no Distrito Federal, conhecido como Ilê Asé Omo Orã – Xaxará de Prata. Entretanto, há dimensões que um projeto não dá conta, que por sua vez conduzem a pesquisa aos caminhos que constroem outras ideias e possibilitam encontros a partir dos desencontros. Aqui nasceu de fato este trabalho, gestado em conjunto com a comunidade Xaxará de Prata e transformado pelas travessias marcadas pela diáspora.

Foi neste contexto dialógico que o conceito de agrobiodiversidade deu espaço para o de sociobiodiversidade (Acosta, 2016) e a visão de natureza enquanto fonte de recursos foi substituída pelo que Nêgo Bispo chama de biointeração (Santos, 2015). Há, portanto, a partir daqui um distanciamento do que foi considerado espaço de produção para o que é visto agora como espaço de interação conjunta. É a desmercantilização da terra enquanto marco civilizatório contemporâneo (Acosta, 2016) que na verdade já mobiliza esta comunidade desde sua fundação, sobretudo porque o projeto de colonização e de desenvolvimento monocultural sempre ameaçou a biodiversidade dos territórios tradicionais e exigiu deles enfrentamento pela necessidade de sobrevivência de seus saberes e conhecimentos.

A partir deste diálogo, este trabalho busca, com a identificação da sociobiodiversidade, indicadores que apresentem a contribuição dos povos africanos e diaspóricos aos saberes aqui existentes e produzidos a partir do levantamento das espécies, técnicas e conhecimentos sobre a interação com essa biodiversidade. Isso possibilitará, além do fortalecimento dos saberes desta comunidade por meio do diálogo com a Agroecologia, registro dos conhecimentos tradicionais, identificação das exigências destas espécies e construção de uma reflexão sobre o manejo das espécies vegetais a partir de suas necessidades. Mas há de se pensar que este trabalho promove também uma ponte com a ciência que se dispõe a produzir conhecimentos integrados a partir de suas formas complexas, promovendo acesso aos conhecimentos outrora negados como saber.

Metodologia

Utilizamos ferramentas participativas em 3 de 4 visitas feitas à UTT para desenvolver as ações no território na intenção de horizontalizar os processos de diálogo e de aprendizado. As ferramentas foram as seguintes:

- 1 - Mapa de recursos naturais e Mapa da propriedade (Diagnóstico Rural Participativo - DRP). Ferramentas usadas na segunda visita.
- 2- Travessia/Caminhada Transversal (Diagnóstico Rural Participativo - DRP). Ferramentas usadas na terceira visita.



3 - Lista de agrobiodiversidade (Ferramentas participativas no trabalho com cultivos, variedades e sementes) com adaptações. Ferramenta usada na quarta e última visita.

As ferramentas extraídas do DRP da segunda visita são listadas separadamente. Contudo, no momento da execução, as pessoas do território se apropriaram delas de tal modo que a atividade se tornou uma só. Isto porque percebemos que, apesar de o nome de uma das ferramentas ser “Mapa de Recursos Naturais”, o mapeamento se iniciou a partir das casas de moradia e as construções sagradas (casa do Boiadeiro - guia ancestral; casa de Vovó - preta velha, também guia ancestral) e alguns elementos naturais mais específicos como o córrego que fica ao fundo da área, o tanque onde criam peixes, a parte de roça, as árvores frutíferas e as árvores consagradas a alguns Orixás.

A Travessia se deu para identificação e registro de plantas ritualísticas no território, analisando também a condição em que a planta se encontra, como o estado das folhas, se está em local descoberto, se é uma planta mais jovem ou mais antiga. Neste dia foi possível listar 29 espécies de plantas na UTT.

Originalmente a ferramenta “Lista da agrobiodiversidade” é usada para identificar variedades de plantas cultivadas como feijão, milho, batatas, a origem das sementes destas variedades, a quantidade de agricultores que as cultivam e o tamanho da área manejada. Adaptamos esta ferramenta para a identificação de plantas ritualísticas, aproveitando a forma que as questões são postas, mas mudando o foco para a identificação de espécies, o nome utilizado pela comunidade (uma vez que cada UTT pode se referir à mesma espécie de forma diferente), qual a relação da planta com Orixá ou com guias espirituais, a utilidade ritualística e o manejo.

Cabe ressaltar que, apesar da aplicação diversificada de ferramentas com planejamento, muitas das informações vieram a partir de conversas em que não houve um estabelecimento formal de início, meio e fim da aplicação de metodologia. Por exemplo, algumas reflexões acerca do papel das plantas sagradas surgiram no momento do café-da-manhã, momento que estabelecemos como parte da nossa rotina de atividades na comunidade. Outro exemplo é do dia da visita em que ocorreu a travessia. Nele elaboramos a lista de plantas importantes que não existem no território ou que existem em pouca quantidade em um intervalo em que Iya Sueli não havia se comprometido a estar, no entanto fez questão de aparecer de forma breve e fazer esse diálogo conosco.

Resultados e Discussão

O diálogo com Iya Sueli levou sobretudo à necessidade da construção de um material gráfico contendo lista das espécies identificadas e seu manejo adequado dentro da perspectiva agroecológica na tentativa dialógica de manter o território livre de agrotóxicos e químicos que modificam a dinâmica da interação com o sagrado.



Afinal, como Iya nos afirmou “*esta terra é de Pai Omolú, que é o senhor da terra e que nos prospera, e ele é sagrado para nós*”. É sob essa ótica que fazemos o percurso dialógico.

Nesta perspectiva, a partir das metodologias aplicadas, foi possível identificar no território a existência de 29 espécies vegetais nativas e exóticas, de ciclo anual e perene, que viabilizam a manutenção da tradição por meio de sua utilização em práticas ritualísticas, de saúde e alimentação da comunidade interna e externa e da promoção de economia solidária. Esses resultados apontaram para uma necessidade desse projeto pensar a autonomia e a segurança alimentar na comunidade a partir da própria territorialidade, o que engloba suas estruturas políticas, organizativas, econômicas e de linguagem. Foi possível identificar também espécies muito utilizadas nos rituais e práticas, mas falta ou tem pouca presença na comunidade, o que nos leva a pensar na construção ou fortalecimento de redes de trocas de mudas na região como um produto.

Diante da experiência compreende-se que a relação com o espaço em que se vive é determinante para os outros valores morais de um indivíduo. Durante a aplicação do chamado “mapa de recursos naturais” nos deparamos com conceitos totalmente distintos daquilo que chamamos de recursos. Para a comunidade a relação com a terra se baseia em uma espécie de troca dos elementos que são concedidos pelas divindades, que por sua vez são ofertados para elas. Essa percepção trouxe um panorama do que, em outro momento, se fez perceptível a ideia de que - além de estabelecer espaços circulares onde se dá retorno do que se apropria da natureza e respeita os ciclos naturais desta -, a alimentação está intrinsecamente ligada a essa compreensão. Alguns alimentos, por exemplo, são vistos como purificadores da alma e não apenas como sustento do corpo físico. Além disso, aponta-se que a alimentação saudável e de qualidade é um princípio bastante evidente na realidade dos povos de terreiro. Dito isto, denota-se também a necessidade de reconhecer os povos e comunidades tradicionais de matriz africana e seus saberes ancestrais como capazes de acionar a segurança alimentar.

Conclusões

As travessias dialógicas promovidas por este trabalho são uma tentativa de aproximar rotas transatlânticas em seu sentido estrito e subjetivo. Há, em territórios de matriz africana, uma dimensão das rotas, das migrações e sobretudo da colonização que é justamente a produção de novos saberes atravessados por saberes ancestrais, estes que na tentativa de sobreviver e gerar vida viabilizaram um diálogo complexo e que incidiu na diversidade de conhecimentos, práticas e de espécies (Gomes, 2009). Contudo, cabe ressaltar que estas espécies também produziram suas próprias rotas, marcadas e salientadas pelas necessidades básicas de nutrição e condições climáticas. A sociobiodiversidade de um território tradicional é constituída por essas camadas de complexidade que exige da agroecologia sensibilidade para pensar que ali não têm recursos produtivos finitos ou infinitos. Neste território existem uma variedade de interações como bioquímicas,



sociais, espirituais etc, e diálogos cuja linguagem não pode ser dominada ou apreendida pela ciência. Estes são lugares de biointeração conscientes, se pudermos evocar e parafrasear Nêgo Bispo.

A agroecologia cumpre com um papel muito potente neste trabalho. Há um diálogo que é promovido pelas vias de uma ciência dialógica, construída por muitas mãos, vivências e ideias. Sendo assim, e considerando a comunidade Xaxará de Prata como território de potencial agrícola, a agroecologia é capaz de orientar com estratégias sustentáveis, identificando as potencialidades do sistema a partir da sua perspectiva social, ecológica e econômica como propõe Altieri (2004).

Neste sentido, há indicadores que abrem caminhos para uma análise crítica em relação à dicotomia que ainda existe entre o saber tradicional e o saber científico. Na tentativa de quebrar com a falsa ideia de que a tradição trabalha com um sistema fechado e a ciência com um sistema aberto e em constante mudança, este trabalho apresentou que de um lado existe o saber marcado por experiências concretas - ainda que movidas por uma subjetividade; do outro, ainda, o da ciência promovida por uma corrente de pensamento agroecológica, há uma abertura que vai dando espaços a outras formas de conhecimentos.

É possível concluir ainda que os terreiros são territórios riquíssimos de conhecimentos e práticas, que por vezes englobam saberes advindos de caminhos percorridos pela ancestralidade que move a diáspora e que confluem para a produção de pensamentos que se preocupam em construir pontes e elaborar conhecimentos complexos que atuem em prol de um planeta saudável, sobretudo que se preocupa, neste momento, com a mitigação das mudanças climáticas que afetam todas as formas de vida.

Referências bibliográficas

ACOSTA, Alberto. **O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos**. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016. 264 p.

ALTIERI, Miguel. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável** / Miguel Altieri. – 4.ed. – Porto Alegre : Editora Universidade/UFRGS, 2004.

BOEF, Walter Simon de; THIJSSSEN, Marja Helen. **Ferramentas participativas no trabalho com cultivos, variedades e sementes - Um guia para profissionais que trabalham com abordagens participativas no manejo da agrobiodiversidade, no melhoramento de cultivos e no desenvolvimento do setor de sementes**. Wageningen, Wageningen International, 2007. 87 p.

FRAGA, Ligia Kochhan de et al. **Sistemas agroalimentares sustentáveis e saudáveis: reflexões a partir da perspectiva agroecológica**. Revista do Desenvolvimento Regional - Faccat - Taquara/RS - v. 19, Ed. especial (SOBER), 2022.



GOMES, Ângela Maria da Silva. **Rotas e diálogos de saberes da etnobotânica transatlântica negro-africana [manuscrito] : terreiros, quilombos, quintais da Grande BH** /Ângela Maria da Silva Gomes. – 2009.

GOMES, Verônica Maria da Silva. **“Kò sí ewé, kò sí òrìsà” (sem folha, não há orixá): vivências ecológicas no Ilé Àse Opó Osogunlade**. 2015. vii, 200 f., il. Tese (Doutorado em Educação)—Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

SANTOS, Antônio Bispo. **Colonização, Quilombo: modos e significados**. Brasília: INCTI; UnB; INCT; CNPq; MCTI, 2015.

VERDEJO, M. E. **Diagnóstico Rural Participativo**. Brasília: MDA/Secretaria da Agricultura Familiar, 2006.